



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

PRISCILA DA SILVA CÂMARA

**USOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS POR ALUNO(AS) DE PEDAGOGIA:
SABERES COTIDIANOS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

PRISCILA DA SILVA CÂMARA

**USOS DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS POR ALUNO(AS) DE PEDAGOGIA:
SABERES COTIDIANOS NA FORMAÇÃO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão.

**CAMPINA GRANDE – PB
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C172u Camara, Priscila da Silva.
Usos das tecnologias digitais por alunos(as) de pedagogia
[manuscrito] : saberes cotidianos na formação docente /
Priscila da Silva Camara. - 2017.
33 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2017.
"Orientação : Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Novas tecnologias. 2. Formação inicial. 3. Pedagogia. 4.
Formação docente.

21. ed. CDD 371.335

PRISCILA DA SILVA CÂMARA

**A FORMAÇÃO INICIAL E O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR
ALUNOS(AS) DE PEDAGOGIA**

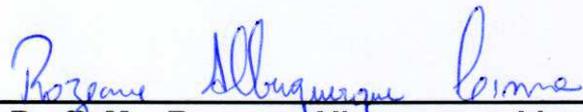
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 11/12/2017.

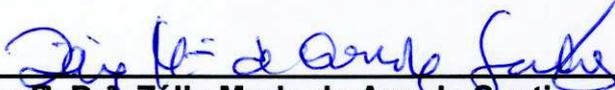
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Ms. Rozeane Albuquerque Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^ª. Dr^ª. Zélia Maria de Arruda Santiago
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar saúde, sabedoria, paciência e força para vencer os obstáculos e dificuldades.

A esta universidade UEPB e todos que a constituem, pela oportunidade a mim concedida de fazer parte da mesma e tornar em realidade o meu sonho.

A minha orientadora Patrícia Aragão, pela dedicação, suporte, confiança e disponibilidade para a elaboração deste artigo.

Agradeço a minha mãe Marisete Faustino, batalhadora que em meio a tantas dificuldades sempre me ajudou e me incentivou para a realização deste sonho e a minha filha Débora Ellen que me deu forças para vencer as batalhas diárias.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

“O ensinar é uma atividade que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que exercem sobre as novas gerações” (Gómez).

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	6
2.	Formação docente e os usos das tecnologias, desafios, dilemas e perspectivas.....	8
2.1	Formação do professor: um debate reflexivo na educação contemporânea.....	15
3.	Caminhos Metodológicos.....	22
4.	O uso das tecnologias digitais entre alunos(as) de Pedagogia da UEPB.....	23
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	ABSTRACT.....	29
	REFERÊNCIAS.....	29
	APÊNDICE	31

A FORMAÇÃO INICIAL E O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS POR ALUNOS(AS) DE PEDAGOGIA

Priscila da Silva Câmara¹

RESUMO

O presente artigo aborda sobre o uso de tecnologias por alunos(as) do Curso de Pedagogia e as maneiras como estes estudantes no decorrer do curso tiveram acesso à informação acerca da utilização das tecnologias digitais no processo ensino-aprendizagem como meio facilitador de ensino. O objetivo é investigar como na formação inicial de alunos(as) do Curso de Pedagogia utilizam das tecnologias digitais em suas vivências cotidianas. Com base nos autores Zabala (1998), Garrido (2010), Sacristán (1998) e Charlot (2013). Foi realizada uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa exploratória. A pesquisa apresenta os dados coletados, por meio de um questionário, aplicado em uma turma de concluintes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I de Campina Grande -Paraíba. Compreendeu-se que o uso das tecnologias em sala de aula por si só não traz resultados significativos, mas quando utilizadas de forma pedagogicamente correta com objetivos e metas traçadas, traz consigo bons resultados melhorando, assim, o processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Tecnologias. Formação inicial. Pedagogia. Ensino.

1.INTRODUÇÃO

O presente artigo trata de um relato de pesquisa realizado com alunos do ensino superior, do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), campus de Campina Grande – PB, em relação à utilização destes/as das tecnologias no cotidiano de sua formação, analisando quais os cursos de formação já realizaram a importância atribuída por esses alunos(as) em relação às tecnologias digitais e quais as contribuições trazidas por esses cursos ou componentes curriculares para o seu aprendizado.

Identificando, assim, a necessidade de ter com mais intensidade curso de formações e componentes curriculares voltados para as tecnologias digitais, de modo a capacitar os futuros docentes a fazer uso dos recursos tecnológicos de forma pedagogicamente correta, lúdica, dinâmica e interativa, resultando em uma prática pedagógica inovadora e capaz de despertar o interesse do aluno.

¹ Aluna do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – Campus I. E-mail: Priscila_neoqeav@hotmail.com

As tecnologias digitais têm feito parte do nosso dia a dia e não tem como não perceber sua presença em praticamente tudo que realizamos. O presente artigo traz a reflexão sobre a formação inicial do professor, articulando tal discussão ao uso das tecnologias no contexto das vivências de alunos(as) concluintes do Curso de Pedagogia da UEPB, identificando como na formação inicial é enfatizado entre alunos(as) o debate em torno das tecnologias digitais, verificando com os alunos(as) que estão se formando para ser pedagogos(as) se utilizam as tecnologias e desenvolvem ações digitais em seu cotidiano.

O interesse por desenvolver esta pesquisa surgiu da necessidade que temos em fazer uso das tecnologias em sala de aula e de utilizarmos tais tecnologias de forma significativa e só obteremos isso por meio de uma formação inicial que nos propicie o acesso a este tipo de proposta educativa. Fundamentado nesta visão de que a formação inicial e que nos prepara para a vida docente, surgiu a vontade de investigar sobre a utilização das tecnologias digitais na vivência dos alunos(as) concluintes do Curso de Pedagogia.

O objetivo deste estudo é investigar como na formação inicial de alunos(as) do Curso de Pedagogia utilizam das tecnologias digitais em suas vivências cotidianas. Como objetivos específicos nossa proposta é refletir sobre a formação inicial de professor e identificando como esta tem enfatizado o debate em torno das tecnologias digitais; verificar como alunos(as) estão se formando para ser pedagogos(as) e utilizam as tecnologias, desenvolvem ações pedagógicas com o uso das tecnologias digitais em seu cotidiano.

A questão que move o desenvolvimento desse artigo é identificar como alunos(as) do Curso de Pedagogia em sua formação inicial utilizam no seu cotidiano as tecnologias digitais, tendo como referencial teóricos autores como Zabala (1998), Garrido (2010), Sacristáns (1998) e Charlot (2013), fazendo uso de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa exploratória, por meio de questionários impressos aos quais foram respondidos na sala de aula da turma concluinte do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em Campina Grande, no turno da noite.

Sentimos necessidade de estar inseridos nos avanços e mudanças que ocorrem na sociedade, cabendo ao futuro professor conhecer os meios que as tecnologias digitais podem lhe proporcionar para desenvolver um trabalho criativo e

atrativo, envolvendo os conteúdos digitais. Sendo assim, o docente precisa ter uma formação consciente e reflexiva acerca do uso de recursos tecnológicos pedagogicamente corretos, de modo que resulte em uma aprendizagem significativa e transformadora.

As mídias têm uma grande influência sobre os alunos e despertam bastante o interesse deles, pois todos encontram um meio ou outro de estarem envolvidos em processos tecnológicos e os docentes fazendo uso desses recursos tecnológicos, poderá despertar de forma dinâmica o interesse dos seus alunos para a aprendizagem.

O presente artigo encontra-se dividido em tópicos:

1. Formação docente: o uso das tecnologias, desafios, dilemas e perspectivas, que trará à discussão a formação inicial dos professores até os dias atuais, mostrando como as tecnologias se fazem presentes na formação inicial destes profissionais.

1.1 Formação do professor: um debate reflexivo na educação contemporânea.

Ressaltará a formação inicial dos professores, que é uma questão debatida há anos, porém sem grandes mudanças na grade curricular acadêmica ao longo desse tempo.

2. Caminhos metodológicos. Neste tópico será mostrado o trajeto da pesquisa realizada, os instrumentos da pesquisa, onde ocorreu a realização da mesma e os indivíduos envolvidos.

3. O uso das tecnologias digitais entre alunos(as) de Pedagogia da UEPB, onde será apresentado os resultados da pesquisa realizada e as informações que nos foram transmitidas.

2. Formação docente e os usos das tecnologias, desafios, dilemas e perspectivas

Neste tópico abordaremos sobre a formação docente e as mudanças que ocorreram no processo educacional ao longo dos anos, quais foram e são os desafios, dilemas e perspectivas do professor e como se faz presente o uso das tecnologias na formação inicial destes profissionais. A necessidade de uma reflexão voltada para a formação docente e o uso das tecnologias é fundamental, tendo em vista as transformações no mundo contemporâneo, Zabala (1998) nos mostra que

Um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício. Geralmente se consegue esta melhora profissional mediante o conhecimento e a experiência: o conhecimento das variáveis que intervêm na prática e na experiência para dominá-las. A experiência, a nossa e dos outros professores. O conhecimento, aquele que provem da investigação, das experiências dos outros e de modelos, exemplos e propostas (ZABALA, 1998, p.13).

Ao longo dos anos tem se discutido sobre as mudanças no ensino e a formação dos professores, pois muitos são os discursos em torno da formação inicial de como dar condições aos futuros profissionais para que estes, no cotidiano escolar, possam desenvolver as suas ações pedagógicas, uma tarefa nada fácil.

Isto porque no cotidiano da sala de aula este profissional enfrenta situações desafiadoras e muitas vezes inesperadas, onde o mesmo terá que agir de forma imediata e assumir as implicações de decisões tomadas, pois são incontáveis os desafios enfrentados pelo educador atualmente, já que a educação vem sofrendo mudanças no decorrer dos anos e assim o “sucesso” ou “insucesso” do professor e dos alunos depende de ambos. Para Garrido (2010),

O trabalho do professor não é ensinar, é fazer o aluno aprender. A própria definição de professor não é ensinar, é permitir o aluno aprender. Ensinar não é a mesma coisa que fazer aprender, ainda que, muitas vezes, para fazer o aluno aprender, o professor tenha que ensinar. Neste sentido, acho que a eficácia das práticas do professor depende dos efeitos destas sobre as práticas do aluno. Para aprender é preciso entrar numa atividade intelectual: esta é a verdade do construtivismo. Bem, depois de saber disso, não me importa a moda, não me importa saber se o professor é tradicional ou inovador; o que importa saber é se o trabalho do professor ajuda o aluno a desenvolver uma atividade intelectual e, também, qual é o sentido dessa situação para o aluno (GARRIDO, 2010, p. 96-97).

Percebemos a partir dos posicionamentos de Garrido (2010), que não é só um ponto ou outro que é capaz de proporcionar uma melhor educação, necessita de um conjunto de medidas, de políticas educacionais, práticas, teorias, recursos e estruturas para se obter um melhor resultado. Entretanto, a realidade educacional hoje tem sido diferente. Neste sentido, concordamos com Freire quando afirma que:

Os professores enfrentam aulas demais, alunos demais, e controle administrativo demais de tal modo que a necessidade de alguma coisa que funcione em classe é muito maior do que uma aparente necessidade de teoria. Entretanto, as preocupantes falhas do

sistema escolar exigem novas ideias. Até mesmo professores sobrecarregados de trabalho têm curiosidade a respeito de alternativas. Querem saber como usá-las em classe, se o método do diálogo pode ser importante em sala de aula (FREIRE, 2003, p. 12).

Em busca de uma prática educativa que funcione e inove, que possa contribuir no despertar do interesse e a atenção dos alunos para a aprendizagem de modo satisfatório, fazendo que o mesmo obtenha o gosto de ir em busca de novos conhecimentos, a fim de descobrir coisas novas, que tenham motivação em realizar da melhor forma o que lhe é proposto, temos que ofertar uma educação diferenciada, como nos mostra Freire quando afirma que:

A educação deve ser integradora-integrando os estudantes e os professores numa criação e re-criação do conhecimento comumente partilhadas. O conhecimento, atualmente, é produzido longe das salas de aula, por pesquisadores, acadêmicos, escritores de livros didáticos e comissões oficiais de currículo, mas não é criado e re-criado pelos estudantes e professores nas salas de aula (FREIRE, 2003, p.19).

Observamos que, quando trabalhamos algo que está relacionado ao cotidiano do alunado, estes em sua maioria os alunos conseguem desenvolver o que lhe é proposto naturalmente, pois vão se apropriando com mais facilidade do conhecimento trabalhado em sala de aula. Isto gera mais confiança e segurança, quando ocorre o contrário, em que o conteúdo apresentado não possui nenhuma familiaridade para o alunado, ocorre uma desmotivação bem maior e tudo lhes parece mais difícil, como se fosse uma língua diferente em que nunca a tivessem ouvido anteriormente. Como nos diz Gómez:

O aluno/a é um ativo processador de informação que assimila, e o professor/a, um mero instigador deste processo dialético por meio do qual se transformam os pensamentos e as crenças do estudante. Para provocar este processo dialético de transformação, o docente deve conhecer o estado atual de desenvolvimento do aluno/a, quais são suas preocupações, interesses e possibilidades de compreensão. O novo material de aprendizagem somente provocará a transformação das crenças e pensamentos do aluno/a quando consiga mobilizar os esquemas já existentes de seu pensamento (GÓMEZ, 1998, p.69).

Vários estudos têm apontado para a hipótese de que o conhecimento pode ser adquirido de várias maneiras e as mudanças que vêm ocorrendo em todo o

mundo, principalmente no que se refere ao digital em rede, têm acelerado toda a questão de pensar e de ser do indivíduo, as informações são acompanhadas em tempo real e a cada minuto vão se inovando, se modificando, se atualizando. É uma sociedade da informação, da velocidade. O que antes levava dias e meses para se chegar ao conhecimento, hoje se pode ocorrer em minutos.

Os alunos de uma forma ou outra possuem acesso a todas essas inovações que despertam os seus interesses e curiosidades, tendo assim a escola a necessidade de fazer uso dessas tecnologias, tais como os computadores, *internet*, televisão, *datashow* entre outros, a fim de “favorecer”, “facilitar” o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para uma mudança na educação. Para que essa inovação ocorra, de fato, ainda necessita de muitas mudanças nas políticas públicas e capacitações para os transmissores de conhecimentos, já que não é suficiente ter meios tecnológicos para se utilizar e até fazer usos deles, porém sem um objeto de busca de resultados com o que se está sendo trabalhado.

O uso das tecnologias digitais pode contribuir para a educação quando utilizadas de forma adequada com metas e objetivos traçados pelo professor, como boa parte dos alunos possuem o celular, por exemplo, e fazem uso constante desse meio para envio de mensagens, fotos, vídeos, estão em constantes conversas e o uso da escrita se modifica com a utilização destas pequenas telas, estão em constante contato com escrita e leitura que nos fazem perceber e repensar nos processos de alfabetização.

Com o uso constante e inovador das tecnologias presentes em nosso cotidiano, surge a enorme necessidade de debater sobre tais aspectos na formação inicial frente às demandas educativas que são requisitadas no cotidiano da escola. Ao longo do tempo o papel do professor foi se moldando e adquirindo novas atribuições como nos afirma Charlot:

Para resolver os problemas, o professor é convidado a adaptar sua ação ao contexto. A escola e os professores devem elaborar um projeto político-pedagógico levando em conta as características do bairro e dos alunos, mobilizar recursos culturais e financeiros que possibilitem melhorar a eficiência e a qualidade da formação, tecer parcerias, desenvolver projetos com os alunos etc. Essas novas exigências requerem uma cultura profissional que não é a cultura tradicional do universo docente; o professor, que não foi e ainda não é formado para tanto, fica um pouco perdido (Charlot, 2013, p.100).

No passado o professor ensinava, mas não proporcionava meios para que os alunos permanecessem na escola, poucos eram os que se alfabetizavam e iam além de um ensino primário, não se via no estudo uma forma de se acender socialmente, poucos eram os que conseguiam uma posição um pouco melhor, era como se todos já estivessem predestinados ao seu futuro e o fracasso ou sucesso escolar seria apenas uma questão pedagógica e não afetaria a vida cotidiana.

O professor em contrapartida era respeitado, mesmo que com um péssimo salário sabendo sua função e as suas práticas. Porém, essa visão foi mudando ao longo do tempo a partir do século XX, a escola passou a ser vista como uma porta para o sucesso social do indivíduo e não apenas uma questão pedagógica, como nos mostra Charlot(2013):

A nota, o diploma medem o valor da pessoa e prenunciam o futuro do filho. Não basta tirar uma nota boa e obter um bom diploma; é preciso conseguir notas e diplomas superiores aos dos demais alunos para conquistar as melhores vagas no mercado de trabalho e ocupar as posições sociais mais lucrativas e prestigiosas. A escola vira espaço de concorrências entre crianças (CHARLOT,2013,p.96-97).

Deste modo, o papel do professor vai se modificando e já não se “aceita” o professor com práticas tradicionais, se exige cada vez mais deste profissional, logo o sucesso social do aluno depende da sua ascensão escolar, havendo, assim, uma atenção maior por meio dos pais e da escola voltada para os professores. Antes boa parte dos alunos não concluíam o primário e hoje a maioria se sente na obrigação de possuir no mínimo o médio.

A globalização trouxe uma gama de mudanças e inovações, porém ainda não se tem preparo adequado para os docentes saberem lidar com todos esses avanços. As tecnologias cada vez mais prendem a atenção das crianças e jovens, não dá pra fingir que ela não existe dentro do espaço escolar, é algo que vai além do controle dos professores e pais e que de certo modo acaba respigando sobre o docente, que em sua maioria faz uso de metodologias consideradas tradicionais, ocasionando, assim, as cobranças que partem de todos os lados. Como nos mostra Charlot:

Hoje em dia, o professor já não é um funcionário que deve aplicar regras predefinidas, cuja execução é controlada pela sua hierarquia; é, sim, um profissional que deve resolver os problemas. A injunção

passou a ser: “faça o que quiser, mas resolva aquele problema”. O professor ganhou uma autonomia profissional mais ampla, mas, agora, é responsabilizado pelos resultados, em particular pelo fracasso dos alunos. Vigia-se menos a conformidade da atuação do professor com as normas oficiais, mas avaliam-se cada vez mais os alunos, sendo a avaliação o contrapeso lógico da autonomia profissional do docente. Essa mudança de política implica uma transformação identitária do professor (CHARLOT, 2013, p. 99-100).

O professor é “forçado” a se adaptar a esta nova situação tendo que promover meios de fazer com que o aluno seja preparado para um mundo global e ao mesmo tempo tendo conhecimento do local, e com todos os avanços tecnológicos, outros meios de informações vão surgindo, como a *internet* que passa a ser para o aluno uma forma de adquirir conhecimento,

Neste sentido, o professor deixa de ser a principal fonte de conhecimento, os livros impressos não são tão atrativos como os computadores, celulares e *tablet*, os livros acabam de certo modo sendo deixados de lado, surgindo a necessidade de que o professor faça uso dessas tecnologias na sua sala de aula. Porém, uma boa parte dos profissionais da educação não sabem como utilizar tais tecnologias, de modo que seja implementada de forma significativa em suas aulas, que possam contribuir para facilitarem a aprendizagem de seus alunos. O professor tem vivido constantes dilemas com todos os avanços tecnológicos em relação à sua atuação e prática educacional, as vezes é visto como “herói” ou visto como “vítima” como nos mostra Charlot:

Por um lado, o herói da Pedagogia. Por outro, a vítima, mal paga e sempre criticada. Falta o professor normal, que trabalha para ganhar um salário e sustentar a sua família, que vive situações esgotantes e, também, prazeres dos quais pouco fala, que se sente objeto de críticas, mas afinal de contas, orgulha-se do trabalho feito, que ensina com rotinas provadas, mas às vezes abre parênteses construtivistas (CHARLOT, 2013, p. 106).

Não obtendo, assim, grandes perspectivas em seus objetivos almejados, são discursos distorcidos contraditórios voltados para estes profissionais que ficam em uma mão dupla e com perspectivas “frustradas”. Se o aluno não consegue acompanhar o nível da turma é compreender o que se está sendo explicado em certo ponto, se é levado em questão de onde surge o responsável por este fato.

Seria da capacidade intelectual do aluno ou da didática do professor? Quem será responsabilizado pelo ocorrido?

Podemos refletir sobre a questão e destacar que a aprendizagem só ocorre quando se desenvolve uma atividade intelectual, não podendo, portanto, o professor realizar essa atividade, não terá como colocar a força em sua mente. Caberá, então, ao professor encontrar métodos que proporcione o desenvolvimento dessa atividade intelectual e caberá o aluno ter interesse e vontade de aprender para, então, assimilar o que lhe está sendo apresentado, como podemos ver em Charlot (2013):

Quando o aluno não consegue aprender, sempre chega um momento em que é difícil não levantar a questão de saber de quem é a culpa. Do aluno, “que é burro” ou da professora, “que não sabe ensinar”? “Não é apenas um problema pedagógico; é o valor pessoal e a dignidade de cada um que estão em jogo” (CHARLOT, 2013, p.108).

O sistema educacional tem uma visão de que todos os pedagogos afirmam ser construtivistas, sendo que agem na maioria das vezes como professores tradicionais, já que a escola é organizada para tais práticas;

As professoras brasileiras, como a maioria dos docentes, no mundo inteiro, são basicamente tradicionais. Entretanto, essas professoras tradicionais sentem-se obrigadas a dizer que são construtivistas! Têm práticas tradicionais porque a escola é organizada para tais práticas e, ainda que seja indiretamente, impõe-nas. Declaram-se construtivistas para atenderem a injunção axiológica: para ser valorizado, o docente brasileiro deve dar-se por construtivista (CHARLOT, 2013, p.109).

Mesmo que rotulados de tradicionais ou construtivistas a questão não fica somente neste ponto, pois a questão não é dizer que um “método” seja completamente errado e que outro seja correto, mas compreender que ambos podem se complementar, levando em consideração seus pontos positivos, sem tem a consciência de que ser professor não apenas de conteúdos e respostas, mas também de questionamentos e indagações.

A própria formação acadêmica dos docentes tem deixado a desejar em sua formação oferecida, com currículos elaborados sem alterações significativas na grade curricular do curso desde a sua origem, tendo as vezes componentes curriculares que não são de grande necessidade e os que precisam de um maior

aprofundamento acabam sendo vistos de forma superficial e a formação não pode ser algo pensado de forma desatualizada acabada e sem modificações, mas deve estar associada às transformações que vêm ocorrendo na realidade, acompanhar o ritmo da evolução e da informação. A formação acadêmica não consegue por si só dar conta de forma um pedagogo com atribuições necessárias para assumir a responsabilidade da construção da cidadania.

Verificamos que há fragmentação entre as condições do trabalho docente, os recursos disponíveis e as condições das políticas de gestão, ocasionando, assim, um desfalque na formação dos futuros professores. Ser um docente com capacidade de estar atuando em sua sala de aula não se exige dele apenas que se tenha domínio sobre o conteúdo trabalhado, mas que também esteja apto a lidar com situações diferenciadas das dos livros, compreender e buscar informações sobre determinado comportamento do aluno, da sua falta de atenção, compreensão e aprendizado, ter a sensibilidade de analisar e sentir e promover situações que facilitem a melhor forma de desenvolvimento do aprendiz, envolvendo todos os aspectos que puder alcançar.

Se olharmos desde a fundação dos cursos de licenciatura até os dias atuais, vemos os avanços, sim, porém não como se gostaria, pois mesmo com todas as reformas e mudanças nos currículos de modo geral, ainda assim não se consegue atender as expectativas necessárias a formação de professores.

2.1 Formação do professor: um debate reflexivo na educação contemporânea

Um dos problemas que vem se arrastando por anos no processo educacional é a formação dos professores, ocorre debates e mais debates em relação a este processo ao ponto de se tornar repetitivo e cansativo, porém sem resultados e soluções plausíveis na prática.

É compreensível que a má formação dos professores resulta não apenas de um aspecto isolado, mas de vários como, o institucional, a insuficiência de recursos e as políticas de gestão que são alguns deles, que aos poucos vão se unindo e resultando numa formação deficiente. É uma questão que se arrasta por anos como é descrita por Freire:

O problema da pedagogia se impôs para mim nessa nova situação: estudantes não acadêmicos em massa na educação superior, um forte choque de culturas. Antigamente, só uma parcela pequena de estudantes trabalhadores, como eu, tinha sido admitida na academia. Agora, eram milhões que ingressavam. Que tipo de ensino poderia provocar um conhecimento crítico? A situação parecia fadada ao fracasso – poucas verbas, classes grandes, instalações insuficientes – as autoridades se movimentavam no sentido de fechar o acesso à universidade aos estudantes que vinham de baixo (FREIRE, 2003, p. 29).

A estrutura dos cursos de formação é uma questão relevante neste processo, a prática e teoria têm que andar de mãos dadas, situações reais do cotidiano necessitam ser vivenciadas, não tem como em área nenhuma se aprender ou executar algo que esteja fora da realidade. Se paramos para refletir um pouco vemos que não podemos comparar a educação de um país com o de outro em questões voltadas para o processo de ensino-aprendizado, no que diz respeito a conhecimentos específicos.

O professor não é um técnico que executa as suas funções automaticamente sem intervenção do meio em que está inserido e a sala de aula um “mundo” único com suas particularidades e situações inesperadas, havendo a necessidade do futuro profissional saber ser flexível e centrado, sabendo agir em situações inesperadas, pois o modelo da racionalidade técnica não serve para a realidade do trabalho docente, não basta ter domínio na área do conhecimento que vai ensinar, o professor não é apenas um transmissor de conhecimento.

A visão que existia em relação ao professor foi se mudando com o passar dos anos. Inicialmente a profissão de professor foi estabelecida para substituir a função da Igreja de ensinar, que resultou em mudanças que favoreciam o progresso, mas que também poderia contribuir para o processo de reprodução social. O estado, então, já foi providenciando as condições para a prática da profissão, como nos descreve Nóvoa (1991).

Ao longo do século XIX consolida-se uma imagem do professor, que cruza as referências ao magistério docente, ao apostolado e ao sacerdócio, com a humildade e a obediência devidas aos funcionários públicos, tudo isto envolto numa auréola algo mística de valorização das qualidades de relação e de compreensão da pessoa humana. Simultaneamente, a profissão docente impregna-se de uma espécie de entre-doisque tem estigmatizado a história contemporânea dos professores: não devem saber demais, nem de menos; não se devem misturar com o povo, nem com a burguesia;

não devem ser pobres, nem ricos; não são (bem) funcionários públicos, nem profissionais liberais etc. (NÓVOA,1991,p.2).

O estado mantinha um controle sobre os professores com instituições criadas pelo estado para a formação desses profissionais em escolas normais, essas escolas estavam centradas na difusão da transmissão do conhecimento, como um técnico em educação, em que a formação dos futuros professores não se exigia tanto, lhe era dado tarefas produzidas por outros em que apenas a função do futuro profissional era executá-las com “louvor”, literalmente um técnico em educação.

Este método não foi bem aceito, pois após algum tempo se sentiu a necessidade de propostas alternativas em que a formação dos docentes correspondesse às exigências da sociedade em mudança, com profissionais críticos e conscientes da educação da sociedade. A visão estava voltada só para a questão profissional, funcional e operacional não considerava a docência como algo transformador e sim como uma atividade neutra.

Com as intensas discussões ao longo dos anos foi se percebendo a escola como um ambiente que cujo conhecimento é vivenciado de geração a geração, tendo grande contribuição nas atuais e futuras gerações. Foi a partir da década de 1980 com a abertura política no país, que a formação de professores foi deixando de ser vista como treinamento em que o professor seria mais um trabalhador neutro, um “instrumento educacional”.

Surge, assim, a busca em formar educadores críticos e conscientes do papel que a educação para a sociedade e principalmente para os menos favorecidos que são excluídos logo cedo da sociedade. Essa busca traz consigo novas questões como, a valorização da prática docente, comprometimento político, transformação social e união da teoria à prática. Zabala (2008) nos diz:

Provavelmente a melhoria de nossa atividade profissional, como todas as demais, passa pela análise do que fazemos, de nossa prática e do contraste com outras práticas. Mas certamente a comparação com outros colegas não será suficiente. Assim, pois, frente a duas ou três posições antagônicas, ou simplesmente diferentes, necessitamos de critérios que nos permitam realizar uma avaliação racional fundamentada (ZABALA, 2008,p.13-14).

Na década de 90 do século XX, começou a surgir cursos de formação continuada para os professores, a fim de que os mesmos pudessem associar a sua ação docente a uma atividade social mais global. Como nos descreve Nóvoa (1991).

A década de 90 será marcada pelo signo da formação contínua de professores. Uma vez que os problemas estruturais da formação inicial e da profissionalização em serviço estão em vias de resolução, é normal que as atenções se virem para a formação contínua. O processo gera-se, de novo, na confluência de dinâmicas políticas e sindicais: por um lado, trata-se de assegurar as condições de sucesso da Reforma do Sistema Educativo; por outro lado, importa assegurar a concretização do Estatuto da Carreira Docente. O desafio é decisivo, pois não está apenas em causa a reciclagem dos professores, mas também a sua qualificação para o desempenho de novas funções (administração e gestão escolar, orientação escolar e profissional, educação de adultos etc. (NÓVOA, 1991,p.9,).

Esse tipo de formação continuada sendo uma forma de o estado manter o controle sobre a formação dos futuros professores foi vista como algo sem “valor”, já que as prioridades estavam concentradas nas áreas em que as pesquisas e o conhecimento científico seja o foco. Outras áreas que não giram em torno dessa perspectivas são consideradas algo inferior sem valor, surgindo, assim, o professor-pesquisador, a pesquisa não vai solucionar os problemas enfrentados no cotidiano de uma sala de aula, até porque é feita de forma “isolada” com certas quantidades de alunos, mas poderá dar suporte para os que estão na prática diária da sala de aula, como nos apresenta muito bem Charlot (2010) o papel do pesquisador professor.

O pesquisador ou o professor da universidade está dizendo “*Eu posso provar*”; se ele provar, mostrar que é possível, deve dizer que é possível nesse tempo, ao longo do tempo. O pesquisador entra numa sala de aula, mostra uma coisa extraordinária, fica lá três semanas, faz umas horas de aula com as crianças, mas estas não são as condições normais de trabalho do professor. O professor está trabalhando toda a semana sob várias condições, e se o pesquisador diz que se deve fazer isso ou aquilo, deve provar que ele pode, que qualquer um pode em determinadas condições. Mas, fora destas condições, o papel da pesquisa não é dizer o que o professor deve fazer. O papel da pesquisa é forjar instrumentos, ferramentas para melhor entender o que está acontecendo na sala de aula; é criar integibilidade para melhor entender o que está acontecendo ali. Depois, o professor vai se virar, no dia a dia, na situação contextualizada em que estiver vivendo (CHARLOT, 2010, p.91).

A teoria tem que estar associada a prática, não tem uma ou outra isoladamente obter um resultado satisfatório, destaca-se, no entanto, a importância de se pensar em uma formação que vá além da academia, se pense em uma formação que envolva o desenvolvimento pessoal e profissional do docente, os saberes que são apresentados no processo de formação são de fundamental importância e, de fato, determinantes em sua vida profissional.

A união entre a teoria e a prática faz surgir um professor pesquisador oportunizando a problematização e a exploração de significados nas atividades pedagógicas desenvolvidas, pensando e refletindo sobre o que está sendo posto em prática.

A trajetória no olhar voltado para a formação docente mostra a visão tida em relação ao professor que aos poucos vai ganhando mais e mais atribuições. Agora além de ter que ser grande conhecedor de sua área, transmissor de conhecimentos, planejador e executor de tarefas, tem influências na transformação social, principalmente dos mais carentes, ele deve ser um profissional reflexivo aliando o seu trabalho às atividades de ensino e pesquisa, como ressalta Azevedo *et al.* (2012),

[...] da formação focada no professor transmissor de conhecimentos, indo em direção ao técnico em educação, ao educador e ao pesquisador, chegando ao professor pesquisador-reflexivo, as exigências da formação e o papel do professor mudaram radicalmente. No entanto, a formação oferecida não acompanhou efetivamente essas mudanças, que se mantem mais presentes no plano dos discursos do que no campo formativo, a exemplo da questão de articulação teoria e prática que, apesar de tão anunciada, enfatizada e desejada pelos acadêmicos, por documentos e normas, não se concretiza nos cursos de licenciatura, ou seja, na formação de professores (AZEVEDO, *et al.*, 2012, p. 1020).

Para que todas essas atribuições sejam agregadas ao professor a sua formação não pode ser desvinculada da realidade do espaço escolar, unindo, assim, a teoria à prática, a pesquisa ao ensino, e reflexão a ação. Necessita de um modelo em que não impere a racionalidade técnica, mas, sim, a prática em que o professor possa usufruir da autonomia, reflexão e tomada de decisões durante a sua ação pedagógica que reflète sobre a sua prática, produzindo novos conhecimentos. Sobre esta questão Zabala nos diz:

Necessitamos de meios teóricos que contribuam para que a análise da prática seja verdadeiramente reflexiva. Determinados referenciais teóricos, entendidos como instrumentos conceituais extraídos do estudo empírico e da determinação ideológica, que permitam fundamentar nossa prática; dando pistas acerca dos critérios de análise e acerca da seleção das possíveis alternativas de mudanças (ZABALA, 1998, p. 16).

No âmbito da formação docente, o uso das tecnologias digitais tem feito parte dos componentes curriculares da formação acadêmica dos futuros professores, embora que estas discussões ainda não sejam aprofundadas e, com certa timidez, podemos detectar o quanto se é facilitado à aprendizagem com a utilização dos recursos digitais. Como nos diz Sacristán.

O problema principal que se coloca para o enfoque de treinamento de habilidades na escola é a necessidade de vincular a formação de capacidade ao conteúdo e ao contexto cultural em que essas habilidades e tarefas adquirem significado. Na vida cotidiana, a criança adquire e desenvolve habilidades dentro de um contexto cultural, ao realizar tarefas carregadas de conteúdo e significado, em função do contexto e dos propósitos que dirigem sua conduta como indivíduo e como membro de uma comunidade de vida e de trocas. O desenvolvimento de habilidades dissociadas de seu conteúdo e do significado que lhe confere o contexto é tão difícil, carente de aplicação e desmotivador como a aprendizagem de conteúdos disciplinares distanciados dos esquemas de compreensão da criança (SACRISTÁN, 2007, p.68).

Tendo em vista, facilitar a ação pedagógica do docente no processo de ensino-aprendizagem é proposto ao futuro profissional ter habilidades com as tecnologias a fim de fazer uso de forma significativa, como enfatiza Sacristán acerca do ensino.

O ensino é uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção. Mas nesta atividade, como noutras práticas sociais, como a medicina, a justiça, a política, a economia, etc., não se pode evitar o compromisso com a ação, a dimensão projetada e normativa deste âmbito do conhecimento e atuação (SACRISTÁN, 1998, p. 81).

Incontáveis são as funções do trabalho docente, tendo, portanto, que obter meios que atendam as exigências da sociedade, tendo, então, o futuro profissional fazer uso de todos os seus saberes e valores para realizar a sua atividade docente.

O trabalho educacional assim como outras formas de trabalho tem que se enquadrar nas normas do mercado, já que querendo ou não também encontra-se envolvido no sistema capitalista. A era da informação imediata, da notícia em tempo real, dos avanços tecnológicos está sendo vivenciada neste momento e o professor tem a necessidade de acompanhar essas novas situações de forma criativa e dinâmica.

Os saberes docentes em relação às tecnologias digitais na sua formação tem sido ainda superficial, já que aprender vai bem mais além do que receber informações, é, no entanto, a apropriação é aprender de forma que faça relação com o mundo, que obtenha significado, como descreve Sacristán(1998) ao falar sobre o treinamento das habilidades.

O ensino nas sociedades contemporâneas se desenvolve em instituições sociais especializadas para cumprir esta função. A aprendizagem dos alunos/as ocorre em grupos sociais nos quais as relações e as trocas físicas, afetivas e intelectuais constituem a vida do grupo e condicionam os processos de aprendizagem. Assim, para que o professor/a possa intervir e facilitar os processos de reconstrução e transformação do pensamento e da ação dos alunos/as deve conhecer as múltiplas influências que, previstas ou não, acontecem na complexa vida da aula e intervêm decisivamente no que os estudantes aprendem e nos modos de aprender (SACRISTÁN, 1998, p. 70).

Relacionar a realidade do aluno aos novos conhecimentos adquiridos em sala de aula é preciso, para que o mesmo possa se apropriar deste novo conhecimento, argumentando experimentar e ter vontade de ir mais além. Os saberes do conhecimento são específicos de cada profissão e o saber docente ganha mais um aliado que é o saber tecnológico, porém necessita de um conhecimento que ultrapasse a questão instrumental.

Se deve ter um saber que proporcione ao professor, formas de interagir com os recursos tecnológicos digitais na sua prática, assim como esse futuro docente em sua maioria faz uso de recursos tecnológicos a fim de facilitar a sua vida, na escola não será diferente, fará uso com a finalidade de traçar caminhos prazerosos para a aprendizagem, embora que haja desafios para essa adaptação aos avanços tecnológicos como a apropriação desses recursos de forma não instrumental, mas como acesso à cultura e a era digital.

As tecnologias e mídias digitais e suas linguagens específicas provenientes do mundo contemporâneo precisam ser compreendidas e apreendidas pelos professores no cotidiano da escola. É preciso identificar como acontece o processo de utilização, integração e apropriação das tecnologias e mídias digitais por parte do professor em sala de aula (MARQUETI; ANTUNES, 2017, p. 179).

As tecnologias educativas devem ser pedagogicamente compreendidas e incorporadas, criando situações para que os professores tenham contato com as tais, aprendendo a interagir e integrá-las a sua prática. O professor terá que adquirir a compreensão do porquê fazer uso de tais recursos e quais os benefícios e contribuições que essas tecnologias podem lhe proporcionar. A formação inicial dos docentes precisa ter áreas do conhecimentos voltadas para as tecnologias digitais com maior aprofundamento, de modo que o futuro professor tenha apropriação das tecnologias em sala de aula como elementos culturais e não como uma ferramenta opcional.

A escola precisa compreender todas essas questões apontadas sobre as tecnologias e mídias digitais e a atividade docente, no sentido de viabilizar o processo crítico e criativo do uso dos recursos tecnológicos digitais nas suas práticas cotidianas escolares. Do mesmo modo, precisa compreender que as tecnologias e mídias digitais modificam não apenas os saberes docentes, mas também a sua identidade profissional (MARQUETI; ANTUNES, 2017, p. 181).

3. Caminhos Metodológicos

Neste tópico trataremos dos caminhos metodológicos da pesquisa realizada, destacando o tipo de pesquisa e os sujeitos envolvidos. Utilizou-se como metodologia uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa exploratória. Como nos mostra Minayo (2005) em relação a pesquisa,

Em uma investigação avaliativa por método qualitativo trabalha-se com atitudes, crenças, comportamentos e ações, procurando-se entender a forma como as pessoas interpretam e conferem sentido a suas experiências e ao mundo em que vivem. Embora haja diferentes estratégias metodológicas neste tipo de investigação, todas têm o mesmo objetivo: compreender as relações, as visões e o julgamento dos diferentes autores sobre a intervenção na qual participam, entendendo que suas vivências e reações fazem parte da construção de intervenção e de seus resultados. Ou seja, acredita-se

que exista uma relação dinâmica e inseparável entre o mundo real e a subjetividade dos participantes (MINAYO *et al.*, 2005, p.82).

Adotou-se um questionário com: dados de identificação e 6 questões, sendo 3 questões fechadas e 3 questões abertas, tendo como público-alvo os alunos(as) concluintes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I, localizada na cidade de Campina Grande – Paraíba.

Participaram da pesquisa vinte e um alunos(as) concluintes do Curso de Pedagogia com idade entre vinte e três e quarenta e um anos, residentes em diferentes localidades, sendo quatro deles na zona rural e dezessete na zona urbana distribuídos em Campina Grande, Alagoa Grande, Assunção, Ingá, Alagoa Nova, Queimadas, Esperança, Juazeirinho e Picuí.

Todos os participantes encontram-se no décimo período no turno da noite, já que a maioria trabalha durante o dia. Dos vinte e um participantes da pesquisa, dezoito deles trabalham, sendo treze na área da educação e o restante deles, duas trabalham no comércio, uma como cuidadora de idoso, outra em trabalho informal e outra como policial militar. Porém, quinze dos participantes já atuaram na educação e seis nunca atuaram na educação como docente.

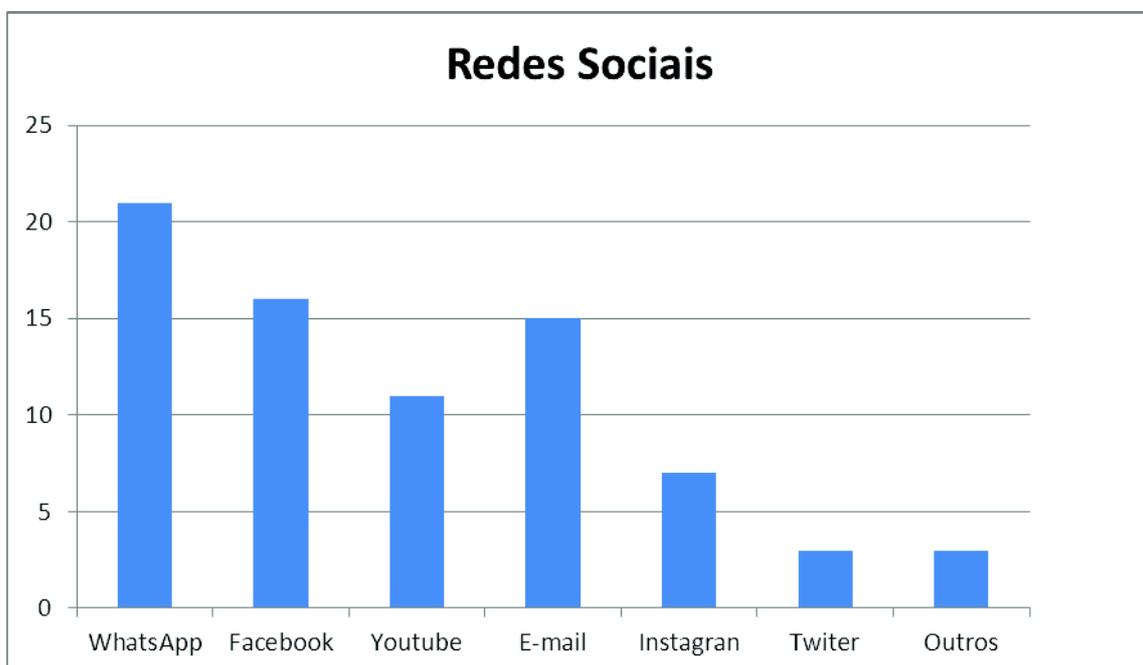
Na elaboração do questionário levou-se em consideração os seguintes aspectos: o contato que esses futuros docentes tiveram e têm com as tecnologias digitais, analisando se tiveram a formação continuada como minicursos, cursos de extensão, entre outros e quais são as contribuições que trouxeram esses componentes em seu aprendizado, que importância cada indivíduo atribui ao uso das tecnologias na educação, verificando, assim, como alunos(as) que estão se formando para serem pedagogos(as) utilizam as tecnologias e desenvolvem ações digitais em seu cotidiano.

4. O uso das tecnologias digitais entre alunos(as) de Pedagogia da UEPB

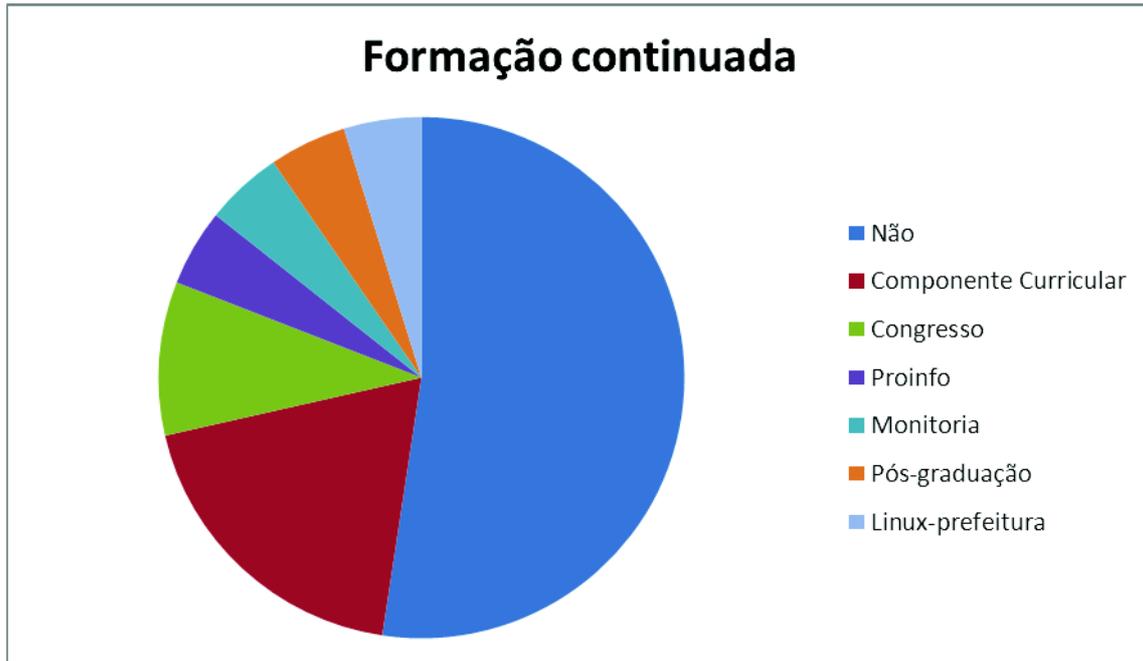
Neste tópico trataremos sobre a pesquisa realizada com os alunos(as) concluintes do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ao qual nos transmitiram informações em relação à importância do uso das tecnologias em sala de aula quando utilizadas de forma pedagogicamente correta, voltando, assim, o nosso olhar para a formação inicial que é de onde vem nossas

bases no sentido de desenvolver um trabalho de qualidade, proporcionando um melhor resultado no processo de ensino-aprendizagem.

Todos os participantes ressaltaram utilizar diariamente a *internet* por meios variados de acesso tais como: celular, *notebook*, disposto móvel, sendo que a grande maioria realiza o acesso por meio do celular. Estão sempre acessando *Facebook*, *WhatsApp*, *YouTube*, *e-mail*, *Instagram*, *chat* e aplicativos de banco, reforçando o argumento de que de uma forma ou outra, todos estão envolvidos nos processos tecnológicos, como podemos observar no gráfico abaixo:



Mais participantes da pesquisa afirmaram não ter realizado algum curso de formação continuada como minicursos, curso de extensão, dentre outros.



Sobre o uso das tecnologias na educação o restante que afirmou ter, referindo-se aos componentes curriculares obrigatórios e eletivos do curso de formação pedagógica, como podemos identificar nas falas de Sayonara Ferreira que diz: “Sim. Na UEPB, no componente curricular Informática e Educação ministrado pela professora Lúcia Serafim (Sayonara, 2016).

Também referiu-se a monitoria exercida como foi afirmado por Valdenice Elaine dos Santos Clementino: “Sim, em 2013, promovido pela UEPB, lecionado pela professora Maria Lúcia Serafim no qual fui monitora (Valdenice, 2016)”. Na pós-graduação, observado pela fala de Celiene Gomes Alexandre: “Na verdade tenho pós-graduação em Psicopedagogia e durante este curso tive o prazer de conhecer melhor alguns jogos que pode auxiliar na minha prática no dia a dia envolvendo as disciplinas (Celiene, 2016)”.

Alguns participantes da entrevista ressaltaram sobre terem adquirido conhecimentos relacionados às tecnologias em congressos, como podemos observar na fala de Maria Karolina: “Participei de dois minicursos oferecidos em congressos na área de tecnologias (Karolina,2016)”, e como também alguns projetos como destacado pelas entrevistadas Flávia Alves de Sousa “Sim, o PROINFO que foi promovido pela SEDUC” (Flávia,2016) e por Rosicleide Marcolino de Andrad “LINUX, Prefeitura de Campina Grande (Rosicleide,2016)” e participam em palestras como é enfatizado pela graduanda Shirley Cabral de Vasconcelos e Silva colocou:

“Palestra no congresso Geo em 2015, não lembro o nome do palestrante” (Shiley, 2016).

Os participantes foram questionados sobre a importância do uso das tecnologias digitais na educação e consideraram como fator importante para educação conforme destaca Cinthia Dieska de Lima Vasconcelos Macedo: “A tecnologia tem avançado cada vez mais e trazendo inúmeros benefícios na área educacional, haja vista que oferece, tanto ao professor, como ao aluno, uma gama de possibilidades de ensino-aprendizagem” (Cinthia,2016).

Para Jusciara (2016) a tecnologia digital “traz acesso a informação é um meio atrativo, motivador, dinâmico que estimula a aprendizagem”, como destaca: “A relevância é que o aluno é despertado para, através das tecnologias ter mais flexibilidade para com a aprendizagem, ou seja, os alunos são, despertados a aprender utilizando tais recursos com interatividade”. A esse mesmo respeito outra estudante respondeu:

Além de proporcionar a inclusão digital e estar acompanhando o processo de evolução em que se encontra a sociedade” [...] É de suma importância, pois a escola tem o dever de se adequar a realidade atual e promover a inclusão digital(Flávia,2016).

Compreendemos que a tecnologia digital utilizada em sala é uma forma lúdica de mediar a aprendizagem, dando auxílio ao pedagogo e ocasionando uma flexibilidade no processo de aprendizagem, um atrativo para despertar o interesse dos alunos que são tão dispersos e desinteressados pelo conteúdos, uma forma de proporcionar a interação e o despertar pelo saber e que a curiosidade seja aguçada ao ponto de irem atrás de novas e mais informações.

Nossos informantes confirmaram que durante o curso tiveram contato com componentes curriculares que tinham conteúdos voltados para o uso das tecnologias digitais em sala de aula e mesmo que esse contato e ensino não tenham sido tão aprofundados, os participantes demonstraram ter consciência da melhoria que podem obter na qualidade do ensino.

Através do contato que tiveram, confirmaram a grande contribuição dessa aprendizagem para a sua prática. Mostrando as contribuições que as disciplinas trouxeram para o seu aprendizado relataram que por meio dessa aprendizagem adquiriram um novo meio e método de trabalhar. Podemos perceber isso na fala de

Michaelly Santos Limeira: “Sim. Tecnologia da Educação. Contribui, sim, de várias formas, novos métodos trazer jogos e inovações” (Michaelly, 2016).

Foi destacado também como utilizar meios de comunicação para fins educativos de forma pedagogicamente correta, destacado por Jociely Berlamino de Arruda: “Sim. Porque aprendi como dar uma aula utilizando a tecnologia, levando o conteúdo para o aluno de forma inovadora e lúdica, sair do trabalho do quadro e giz” (Jociely,2016). Fazendo uso da ludicidade e interatividade, tornando suas aulas dinâmicas e prazerosas.

Com base no relato de Renata Taís de Oliveira Sampaio: “É um instrumento rico que ajuda na busca de conhecimento, bem como na realização da prática no dia a dia” (Renata,2016). Percebemos que é um meio facilitador para a aprendizagem e que podemos inserir na nossa prática que precisa estar em constante mudança procurando sempre meios e formas que tragam contribuições significativas para o nosso dia a dia em sala de aula.Com os avanços tecnológicos o professor necessita estar envolvido nesse novo processo como é destacado pela entrevistada Michaelly Santos Limeira

É muito importante trabalhar com tecnologias digitais na sala de aula, porque cada vez mais tudo está no tecnológico e ela pode nos ajudar com conteúdos diversificados e ricos de metodologia para aula (Michaelly, 2016).

Podemos, assim, detectar que é um meio facilitador e inovador capaz de contribuir até mesmo para a nossa aprendizagem individual como professor, que as vezes sentimos dificuldade de ensinar algum conteúdo específico e fazendo uso das tecnologias digitais esse processo pode ser facilitado como enfatizado por Shirley Cabral de Vasconcelos e Silva: “Importantes recursos, pois promovem o acesso a muitas informações importantes, é atrativo e ainda abre-se um leque de ações que podemos desenvolver para facilitar a aprendizagem” (Shirley,2016) e Maria Karoline N. Souto “As tecnologias são um suporte importante para auxílio e estímulo para aulas dinâmicas e com maior riqueza de informações dos futuros docentes(Karoline,2016).

Verificou-se a necessidade cada vez maior de implantar componentes curriculares mais intensos voltados para as tecnologias digitais na formação inicial dos professores, de forma que os preparem e os capacitem para o dia a dia de uma

sala de aula, com propostas inovadoras e atrativas e com meios facilitadores do processo de aprendizagem que estejam fazendo uso das tecnologias, não como instrumental, mas como recurso mediador necessário e eficaz no processo ensino-aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo propiciou perceber que há necessidade de uma melhor orientação na formação inicial em relação às tecnologias digitais que o processo educacional não pode e nem deve estacionar no tempo, mas necessita acompanhar as mudanças sociais, sabendo fazer uso dos recursos oferecidos de forma significativa, com objetivos e critérios traçados, de modo que contribua para a construção de conhecimento e qualidade no processo de ensino-aprendizagem.

As atribuições que o professor vai ganhando ao longo do tempo, faz com que o mesmo sinta necessidade de se “atualizar” de buscar mais e mais práticas e métodos que lhe dê suporte para despertar o interesse do aluno. Por meio da pesquisa realizada, foi reforçado que o uso das tecnologias digitais proporciona uma melhor qualidade do processo ensino-aprendizagem, já que desperta o interesse do aluno e o motiva para ir em busca de mais informações, quebrando o “tabu” de salas de aula só com cadernos, quadro, caneta e lápis, proporcionando uma maior interatividade entre os alunos e o professor.

Utilizando as tecnologias de forma significativa e não apenas como um instrumento a mais, poderá obter-se resultados surpreendentes. Porém, para que isso ocorra, os docentes na formação inicial têm que ser capacitados e qualificados quanto ao uso das tecnologias digitais em sala de aula.

A realização deste artigo contribuiu para minha formação profissional e da minha prática docente, me fazendo compreender com mais clareza a necessidade do uso das tecnologias digitais no dia a dia da sala de aula e o quanto esses meios podem auxiliar numa aula mais produtiva com alunos mais interessados e interagindo no processo de ensino-aprendizagem.

Nos traz a reflexão sobre a formação inicial e com as discussões apresentadas ao longo do artigo, fica claro que já aconteceram várias mudanças no processo educacional. Porém, ainda não suficientes para suprir as necessidades

deste futuro profissional que necessita de respaldos para construção da sua prática e atuação em sala de aula.

ABSTRACT

This article discusses the use of technologies by students of the Pedagogy Course and the ways in which these students during the course had access to information about the use of digital technologies in the teaching-learning process as a facilitating teaching medium. The objective is to investigate how in the initial formation of students of the Pedagogy Course they use digital technologies in their everyday experiences. Based on the authors Zabala (1998), Garrido (2010), Sacristán (1998) and Charlot (2013). A qualitative research of the exploratory research type was carried out. The research presents the collected data, through a questionnaire, applied in a group of graduates of the Pedagogy Course of the State University of Paraíba (UEPB), Campus I of Campina Grande - Paraíba. It was understood that the use of technologies in the classroom alone does not bring significant results, but when used in a pedagogically correct way with goals and objectives outlined, it brings good results, thus improving the teaching-learning process.

Keywords: Technologies. Initial formation. Pedagogy. Teaching.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Rosa Oliveira Marins; *et al.* **Formação inicial de professores da educação básica no Brasil: trajetória e perspectivas.** Net, Curitiba, dez.2012. Rer. Diálogo Educ. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=7214&dd99=view&dd98=pb>>. Acessado em: 18 set. 2017.

CHARLOT, Bernard; O professor na sociedade contemporânea: Um trabalho da contradição. *In:* _____. **Da relação com o saber às práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2013, p.91-126.

_____. Relação com o saber na sociedade contemporânea: reflexões antropológicas e pedagógicas. *In:* _____. **Da relação com o saber às práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2013, p.91-126.

FREIRE, Paulo. O sonho do professor sobre a educação libertadora. *In:* _____. **Medo e ousadia – O cotidiano do professor.** 10ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.11-25.

_____. Como pode o professor transforma-se num educador libertador? De que modo a educação se relaciona com a mudança social?. *In:* _____. **Medo e ousadia- O cotidiano do professor.** 10ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.27-66.

MARQUETI, Marilete Terezinha; ANTUNES, Ricardo. **A Identidade Docente e o uso das tecnologias e Mídias Digitais na Escola à luz do pensar complexo**. Net, Curitiba, mar.2017. Rev. Diálogo Educ. Disponível em <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=16535&dd99=view&dd98=pb> Acessado em: 18 set.2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; *et al.* Métodos, técnicas e relações em triangulação. *In:* _____. **Avaliação por triangulação de métodos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005, p.71-132.

_____. Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos. *In:* _____. **Avaliação por triangulação de métodos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005, p.133-155.

NÓVOA, Antoni. **Formação de professores e profissão docente**.Net.1991. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>. Acessado em: 26 set. 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional. *In:* _____. CHARLOT, Bernard. **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2010, p.89-108.

SACRISTÀN, J. Gimeno; GÓMEZ, A. I. Pérez. Ensino para a compreensão. *In:* _____. **Compreender e transformar o ensino**. 4ª edição. São Paulo: Artumed, 1998, p.67-91.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: unidades de análise. *In:* _____. **A prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 13-25.

Apêndice

**FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSOR E OS USOS DAS TECNOLOGIAS:
VIVÊNCIAS DE ALUNAS DE PEDAGOGIA**

Orientanda: PRISCILA CÂMARA

Convido-lhe a participar de minha pesquisa para elaboração do TCC, suas informações serão ricas e pertinentes para a construção de meu texto.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Cidade onde reside

Local onde mora: zona rural () zona urbana ()

Curso de Graduação:

Período:

Turno:

Você trabalha?

Em que?

Já atuou na educação como docente

1. Com que frequência você utiliza a *internet*

() Todos os dias () uma vez por semana () Não acesso

2. Quais destes meios você utiliza para acessar a *internet*

() dispositivo móvel (celular) () *notebook*

3. Entre as redes sociais disponíveis quais a que você acessa com mais frequência

() *Facebook* () *Whatsapp* () *YouTube* () *E-mail* () *Instagram* ()

() *Twitter* () Outros, quais _____.

4. Você já fez algum curso de formação continuada (minicurso, curso de extensão, outros) sobre os usos na educação das tecnologias? Quando foi e quem promoveu?

_____.

5. Para você qual a importância do uso das tecnologias digitais na educação?

6. Em Pedagogia você já cursou alguma disciplina com conteúdo das tecnologias? Que contribuições esta disciplina trouxe para o seu aprendizado?
